

Uma fórmula para os EUA entenderem o peso da dívida

Elio Gaspari

ATRAVÉS dos meios habituais de persuasão, que infelizmente incluíram em diversas ocasiões a distribuição de dados fantásticos e de versões mirabolantes, a banca internacional e sobretudo os Estados Unidos não conseguiram perceber corretamente o verdadeiro alcance social do programa que o Fundo Monetário Internacional pretende ver aplicado no Brasil.

A fome no Nordeste, os saques em São Paulo, a comprovada corrosão da pirâmide de renda brasileira parecem à burocracia internacional uma fatalidade. Assim como não há vida em Vênus, acredita-se que, em algumas partes do Brasil, a luta pela sobrevivência pode incluir necessariamente a dieta de calangos e rabudos e, em certos casos, a própria inexistência de dieta. O mesmo sucederia com São Paulo e o Rio de Janeiro, grandes cidades que deveriam se habituar a conviver com os saques.

Os argumentos de natureza social têm surtido pouco ou nenhum efeito e, portanto, de nada adianta acreditar que pela insistência se conseguira mudar a posição de pessoas que se julgam absolutamente certas nos seus juízos. E estava posto o impasse nessa situação quando a Ilha de Granada ofereceu ao Brasil a luz no fim do túnel. Trata-se de uma ilha inútil, governada até bem pouco tempo por pessoas que a diplomacia americana classificava de "analfabetas". Pois para tirar Granada da esfera de alcance do temível comunismo internacional, não só os Estados Unidos a invadiram, como também amarraram seu Primeiro-Ministro à moda da PM carioca nos seus piores tempos, num ato de selvageria inaudito para a iconografia dos maus momentos da civilização.

Imenso foi o esforço dos Estados Unidos e grande foi a satisfação de seu Presidente, ao ver que conseguira finalmente salvar a ilha do temível perigo vermelho. Pois bem. Dólares para pagar a dívida é sabido que o Brasil não os tem, mas ilhas por cá abundam. Então, por que não recorrer às ilhas?

Seria simples. O Presidente João Figueiredo daria a independência às ilhas de Itaparica, na Bahia, Itamaracá, em Pernambuco, Ilhabela, em São Paulo, e, finalmente, há a Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Independentes, elas ficariam sob a influência de políticos da Oposição que, num grande acordo nacional, iriam governá-las, mesmo contra suas vontades. A Ilha de Itamaracá seria entregue ao Deputado Miguel Arraes, que

poderia instalar a capital em Bezerrópolis (homenageando, assim, o falecido líder comunista Gregório Bezerra, o que levaria Washington a concluir que em breve a capital passaria a se chamar Gregoriogrado). Itaparica, para desencanto dos freqüentadores do Club Méditerranée, ficaria com o Deputado Haroldo Lima. Para a Ilha Grande iria o Cacique Juruna, que se recusaria a governar do vilarejo do Abraão, e passaria o tempo no mato. Finalmente, para Ilhabela seria designado o Deputado Aurélio Peres.

Da noite para o dia, o Presidente Reagan teria quatro ilhas para lhe tirar o sono, mover a frota e restabelecer o equilíbrio político mundial. Nesse preciso momento, quando Reagan estivesse a um passo de mandar os *marines*, seria enviada a Washington uma missão de emergência do governo brasileiro. Nela, iria o presidente do Banco Central com uma conta na pasta: a diferença entre o custo de uma invasão americana e o preço de um ataque por forças brasileiras. O Brasil se ofereceria para fazer o serviço e o tesouro ficaria com a diferença, em dólares, para resgatar os juros do mês.

Os governantes das ilhas seriam presos, e isso causaria indignação nos setores liberais americanos, que os convidariam, meses depois, para temporadas culturais nos Estados Unidos, onde Juruna faria grande sucesso, presenteando o Presidente Reagan com um chapéu que pertenceu ao General Custer.

Para cada ilha seria designado um novo governante. Itamaracá e Itaparica, as mais radicais, ficariam na dependência de eleições e, até lá, teriam governadores militares (da PM). Para o governo de Ilhabela poderia ser convidado o ex-Governador Paulo Egídio Martins. Para a Ilha Grande, mesmo que não quisesse, poderia ir o empresário Castor de Andrade, a quem caberia a função adicional de transformar o lugar habitado por velhos amigos numa estância balneária à altura de sua presente situação.

Feito isso, ganharia o Brasil muito dinheiro, mas talvez houvesse gente descontente. Como seriam poucos, ainda uma vez o Governo brasileiro poderia ser ajudado pelos Estados Unidos. Os descontentes, raça que não se deve deixar extinguir, seriam remetidos para o jardim zoológico de Washington, onde ocupariam as jaulas vagas desde que de lá saíram os micos-leão devolvidos às matas da Serra do Mar.